

Minha casa azul

Alain Serres

Ilustrações Edmée Cannard

Tradução Marcos Bagno

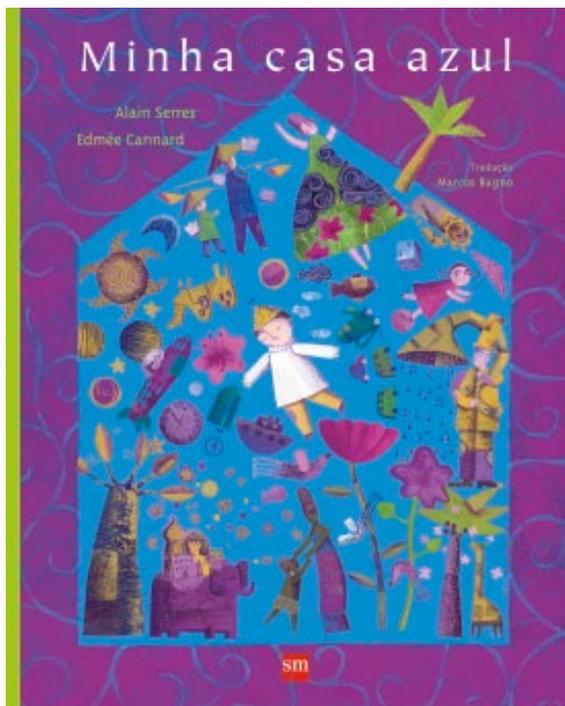
Nível leitor A partir de 8 anos

Anos escolares 3º e 4º

Temas A relação entre ser humano e Universo / Terra e seus continentes /
Diferentes povos do planeta / Ciência *versus* sonho / Tempo



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



2ª edição

32 páginas

TUDO É MUNDO!

Esta obra apresenta uma viagem planetária e infinitamente pessoal, que faz cada criança lembrar seu lugar no mundo. Um menino nos fala e, a princípio, *Minha casa azul*, que poderia ser apenas um relato em primeira pessoa, revela-se também um pequeno manual para entender (e explicar aos pequenos leitores) o ser humano, o Universo, o espaço e o tempo, ou melhor, a relação de todos esses elementos, criando um todo infinito de vida.

É com o olhar de um menino, contemplando o céu, que vamos descortinando vários temas, como Universo, galáxias, Sol, planetas, Lua, Terra, continentes e todos os povos e seres vivos que neles vivem. Mas o pequeno narrador não fala apenas de um tempo e de um espaço fora do ser humano: ele percebe que traz no próprio corpo as marcas e as histórias de tudo o que vê e vive.





O livro é um vaivém de grandezas naturais, entre a imensidão do Universo e o pequeno narrador. Assim, depois de percorrer com ele os caminhos do céu, chegamos a seu país, sua cidade, seu bairro, sua rua, sua escola, sua casa, seu quarto, seu coração, onde habitam seus pais, seus amigos e seus sentimentos, que o levam de volta ao Universo, em um *zoom* cinematográfico, ora aproximando, ora afastando.

Durante o relato, há, ainda, um jogo constante entre conter e estar contido em muitos espaços, que também inclui a passagem do tempo. Nessa pequena grande história, vamos conhecendo as inúmeras formas de vida que convivem em lugares diversos e concluímos que não há um mundo único fora ou dentro das pessoas. Descobrimos, isso sim, que tudo é uma coisa só!

“O Universo é um ponto de encontro no meio do caminho.”

Judith Nuria Maida

Ler *Minha casa azul* é como embarcar em uma viagem interplanetária e imaginária, que nos leva ao mundo fantástico de um menino que tenta se situar no Universo e entender o que acontece dentro de si. Para isso, ele começa descrevendo sua casa como o próprio planeta Terra: “Minha casa é azul. Ela não tem teto nem parede [...] Ela é imensa. No entanto, ninguém se perde nela, porque de noite bilhões de estrelas ficam acesas na beira das estradas do céu” (p. 7). Há aí uma metáfora interessante, presente também no título, pois sabemos, desde Yuri Gagarin, que nosso planeta, visto do espaço, é azul. Essa casa azul de que trata o menino, portanto, é também sua casa no Universo, situada na Via Láctea, apenas uma entre tantas galáxias que existem. Ao se dar conta da imensidão e dos mistérios que envolvem esse espaço infinito, o narrador afirma: “Quando penso nisso, digo a mim mesmo que tudo é possível” (p. 8).

É com essa metáfora que o narrador nos leva a conhecer uma parte do **Universo***, localizando, em uma região da Via Láctea, uma estrela intensa, o Sol, e também os oito planetas que giram em torno dela, inclusive a Terra, que o menino descreve: “azul quando a gente olha de longe, enorme quando a gente olha de perto” (p. 10).

Este será o constante movimento durante a viagem relatada pelo menino: ver de perto e de longe, conter e estar contido, relativizando noções e pontos de vista. É como se estivéssemos com os olhos em um telescópio da imaginação, ora virado para o céu, ora voltado para dentro de nós. E esse movimento o menino dei-

xa claro ao afirmar: “quando a gente se aproxima ainda mais do meu planeta, a gente escuta um estranho *badabum, badabum, badabum...*” (p. 10), som que mais tarde será descrito como o do seu coração. Em seguida, com algumas poucas palavras, somos levados a admirar os continentes da Terra e seus habitantes, formados por diferentes povos.

“Somos todos passageiros da mesma nave espacial chamada Terra...”

Frei Betto

A viagem continua nas breves palavras do menino, que nos leva a conhecer distintos espaços geográficos, relacionando-os à sua gente, a seus hábitos e costumes, à sua cultura. Nessas descrições, o narrador pinta um curioso painel com as diferentes formas de viver em diversos locais da Terra.

Ele nos faz partir da África – continente formado por 54 países, que, longe de ser homogêneo, abriga mais de 800 etnias –, caracterizando-a como um lugar em que as crianças correm “atrás de peixe frito e de ônibus” (p. 10a). Sem dúvida, o autor retrata aí questões importantes de alimentação e transporte. Depois nos conduz até a Oceania, ressaltando o colorido de seu povo e sua ligação atávica com os oceanos, presente em seu próprio nome. Em seguida, refere-se à Ásia, fazendo um paralelo sonoro entre suas riquezas naturais – o mugir dos búfalos –, culturais – o retinir dos címbalos – e sua contribuição tecnológica, que se faz ouvir no “*clic, clic* dos teclados de computadores” (p. 10b). Vamos então para a América, lembrada por suas torres – certamente uma alusão às grandes construções e às metrópoles, como São Paulo e Nova York –, por suas espigas de milho – herança dos povos que aqui habitavam – e pelos sorvetes multicoloridos, “sorvetes de arco-íris” (p. 10b), em uma visão infantil da alimentação e da sociedade de consumo. Chegando à Europa, é a vez de retratar os meios de locomoção, como a malha ferroviária tão bem desenvolvida, cortando as plantações de flores, alusão a países como Holanda, e seus bosques. E, finalmente, o menino nos leva às porções geladas do nosso planeta, que em oposição, “como dois irmãos que estão de mal”, marcam os dois polos da Terra, onde “a noite pode ser o dia mais longo do mundo...” (p. 11a).

Nessa viagem, o pequeno condutor mostra também que nem sempre a convivência entre esses povos, tão diferentes, é pacífica. Muitas vezes, “explode a guerra, mais escura do que a noite” (p. 11b). Mas há uma esperança, sempre renovada, no nascimento das crianças: “uma felicidade que vê a luz do dia” (p. 11b).



Ao retratar a organização espacial do nosso planeta, o narrador tanto aponta para as diferenças humanas e sociais, expondo conflitos e problemas que delas resultam, como enaltece as riquezas naturais de cada lugar e o alegre colorido cultural proveniente dessas mesmas diferenças.

Essa viagem, de alguma forma, é um convite para conhecer melhor o planeta, aceitar suas diferenças, transformá-lo em um ambiente harmônico para todas as pessoas. Nesse espaço encontram-se a escola do menino, seus amigos e sua casa, que protege sua família “da chuva, do medo e do barulho” (p. 13). Percebemos que o pequeno protagonista está contido nesses espaços próximos e afetivos e, ao mesmo tempo, aí se sente protegido das ameaças externas.

Mesmo que em sua casa não possa haver cachorro, pois seus pais não permitem, o menino encontra uma forma de guardar um ser que late e rebola dentro de seus olhos e de sua imaginação, por meio da história da cadela Laika, uma **viajante do espaço**. E lá vamos nós de volta ao Universo e seus mistérios, pois é essa justamente a cadela que foi enviada ao espaço na década de 1950.

No decorrer do relato, vamos entrando cada vez mais no universo pessoal desse viajante, que nos apresenta sua casa e seus espaços: a cozinha, o banheiro, a sala e o quarto, com um janelão “onde me debruço muitas vezes para olhar o céu...” (p. 15). É em sua casa também que, com a ajuda de um espelho, ele procura se ver por dentro e encontra seu coração fazendo “*badabum, badabum...*” (p. 18), guardando dentro de si sua família, seus amigos, sua casa, sua rua, sua cidade, seu país e o mundo todo.

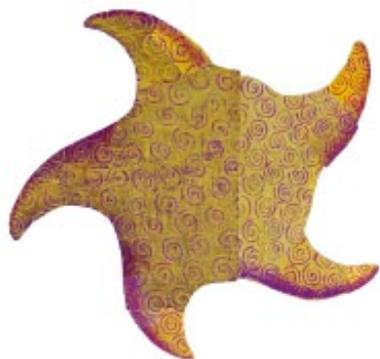
ABRINDO O CORAÇÃO

Aos poucos, vamos conhecendo o coração do menino e nele encontramos não só o que ele conhece e está próximo dele, mas também toda a história dos homens, com suas invenções e cinco mil línguas, todos os seres vivos, animais, vegetais e os elementos água, terra e ar, que vão compondo muitos mundos, correlatos, paralelos, simultâneos. Afinal, a vida é constituída tanto de espaços como de tempo. Nesse relato, embora o ponto de vista seja o de um menino, há uma reflexão bastante madura sobre a atuação dos seres humanos no planeta, denunciando que muitos não o tratam como se fosse sua casa e não respeitam seus semelhantes, sejam eles crianças ou borboletas.

Há, portanto, uma preocupação do narrador em conclamar o leitor para que se unam forças de resistência, defendendo “nossa”



casa azul do próprio ódio e destemperança dos seres humanos. Por trás de suas palavras, percebemos alguém defendendo um discurso ecológico e humanista, discurso que cada vez mais se faz necessário traduzir para as crianças. Como em um passe de mágica, *Minha casa azul* coloca a imaginação de um menino a serviço da ciência e da vida.



BOA MISTURA DE IMAGINAÇÃO E CONHECIMENTO

Além do convite para conhecer melhor o espaço e o planeta em que vivemos, o livro nos conduz ao mundo da imaginação. Suas últimas palavras são: “Nesta imensa casa azul, às vezes, eu brinco. Outras vezes, trabalho. Muitas vezes, sonho” (p. 27). Todo o livro nos convida a sonhar, mas suas imensas imagens, de folha dupla, contundentes, coloridas e vibrantes, com mistura de pintura e colagens, são fundamentais. Edmée Canard, premiada ilustradora francesa, utiliza em seus trabalhos diferentes materiais, como papéis de diversos tipos, botões, fitas, folhas, os quais ela envolve com tintas de todas as cores, sejam elas pastéis ou luminosas.

As ilustrações do livro são essenciais para a compreensão da mensagem do texto: o colorido forte e muitas vezes contrastante, os elementos escolhidos para compô-las, a leveza dos traços, tudo parece voar como a imaginação, reafirmando a maestria da ilustradora na **técnica da colagem**.

Além disso, as palavras criam imagens surpreendentes, ajudando a compor esse universo mágico em que o Sol “é a lâmpada gratuita”, “um regador de luz” (p. 9); a Lua é “Como um brinquedo que nos acalma” (p. 10) e nunca nos abandona; e há, aqui na Terra, “um grande pomar dos meus pensamentos e das minhas emoções” (p. 18b) do menino.

Palavras e imagens combinam-se, em um esforço constante, para impedir que o leitor permaneça indiferente. Em cada página somos praticamente transportados para dentro do livro, convidados a sentir os cheiros, a ouvir os ruídos, a experimentar as texturas de cada paisagem. Estamos, simultaneamente, em um pequeno foguete no Universo e na janela de casa. Esse constante ir e vir, entre real e imaginário, entre perto e longe, entre sonho e realidade, é a grande proposta do livro e quase uma metáfora da leitura, pois o que é ler senão uma viagem de dentro para fora e de fora para dentro, uma convivência pacífica e perene com o diferente, uma construção de sentidos entre a realidade e a imaginação?





Como é o Universo?

Foram os gregos que criaram o termo “cosmos”, que significa bela aparência, ornamento. Esse povo idealizava um Universo belo, perfeito e harmonioso.

Por causa da palavra e ideia gregas, aqueles que estudam o Universo são chamados de cosmólogos, cientistas que, por não poderem fazer experiências diretas com seu objeto de estudo, trabalham por hipóteses. No entanto, até o século XX, contaram com as observações de astrônomos e astrólogos para fundamentar suas teorias. Muitos deles, como Giordano Bruno (1548-1600) e Galileu Galilei (1564-1642), foram perseguidos pela Santa Inquisição por terem afirmado que a Terra não era o centro do Universo, como a Igreja acreditava. Galileu foi o inventor da luneta e o primeiro a observar o céu com a ajuda de um instrumento, seguido por Isaac Newton (1642-1727), que criou o telescópio. Essa invenção provou, no século XVIII, que a Terra gira em torno do Sol. Foi com a construção de um telescópio gigante, no mesmo século, que o alemão William Herschel (1738-1822) levantou a hipótese da existência de várias galáxias, além da Via Láctea. No século XX, o avanço na astronomia não só confirmou a existência de muitas galáxias, como constatou, por meio de cálculos, as quatro dimensões (altura, largura, comprimento e tempo) de cada uma delas e a expansão do Universo e comprovou sua origem, com a teoria do *Big Bang*. Mesmo após muitos estudos e experiências, e apesar do desenvolvimento tecnológico que a humanidade alcançou, o Universo continua com seus mistérios.

PARA SABER MAIS VER

NOUEL-RÉNIER, Juliette. *Foi assim que o homem descobriu como é o Universo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



Viajando pelo espaço: Gagarin e Laika

Era grande o entusiasmo por foguetes na década de 1950 tanto nos Estados Unidos como na antiga União Soviética. Foram os russos que iniciaram a “corrida espacial”, após lançarem o satélite artificial Sputnik, em 4 de outubro de 1957. Foram eles também os primeiros a enviar um astronauta no espaço: Yuri Gagarin, aos 27 anos, foi o pri-

meiro homem, a bordo da nave Vostok 1, a dar uma volta completa ao redor do planeta, ficando 108 minutos em órbita e proferindo a famosa frase: “A Terra é azul”. Esse fato ocorreu em 12 de abril de 1961, e só se realizou graças à cadela Laika, o primeiro ser vivo a orbitar a Terra, em 1957, a bordo da nave Sputnik 2, demonstrando como um animal é capaz de suportar as condições de gravidade zero.

Laika havia sido capturada nas ruas de Moscou e passado por intenso treinamento com outros cães, mas mostrou-se mais bem preparada. A missão da cadela impressionou o mundo. Sabe-se hoje que Laika morreu poucas horas depois do início de sua missão, por causa de um superaquecimento da nave e do estresse que sofreu. Na época, a morte da cadela desagradou a muitos observadores que acompanhavam os programas de desenvolvimento da conquista do espaço, mas ninguém negou a importância de sua contribuição para a ciência espacial e para a chegada do ser humano à Lua, conquista dos norte-americanos, que só ocorreu em 20 de julho de 1969, realizada pelo astronauta Neil Armstrong, a bordo da nave Apollo 11.

Compondo ilustrações por partes

A colagem como procedimento técnico é bem antiga, mas foi a partir do cubismo que ela se incorporou à arte do século XX. Essa técnica consiste na aplicação de diversos tipos de papel, tecido, madeira e objetos a uma superfície, rompendo a distinção clara que se fazia até então entre pintura e escultura. A obra *Fruteira e copo* (1912), de Georges Braque, é considerada um marco dessa técnica na arte moderna. A partir daí, ela seria empregada em muitas escolas e movimentos artísticos.

Como recurso, a colagem propõe muitas interpretações. Os futuristas, na Itália, e os dadaístas, na França, apropriaram-se da colagem de maneira distinta, havendo aqueles que levam ao limite a ideia de associação de elementos díspares e construção de uma realidade “irreal”, como Joan Miró, Salvador Dalí, René Magritte e Yves Tanguy. No Brasil, são expoentes dessa técnica Carlos Scliar, Guignard, Piza e Jorge de Lima, entre outros.



Nesse sentido, Edmée Cannard continua a desenvolver a experimentação que a colagem propõe, incorporando a suas obras elementos naturais como folhas e pétalas e inspirando-se na arte asiática, com paisagens chinesas e estampas japonesas, e nas experiências de mestres da pintura como Monet. Nas ilustrações do livro ressalta-se, além da técnica da colagem, o trabalho com cores vibrantes e contrastantes, evidenciando a magia que nos propõe o narrador em seu relato, fazendo grande parceria com as palavras.

PARA SABER MAIS

www.itaucultural.org.br



DIALOGANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

Voando pelo espaço

Ler é atribuir sentidos, e toda leitura propõe um diálogo entre texto e leitor. Para que esse diálogo leve à compreensão efetiva da obra, é preciso contar com a participação dos conhecimentos do leitor. O livro *Minha casa azul* apresenta muitas informações sobre diferentes assuntos; por isso, é importante aproveitar esse momento para trabalhar os conhecimentos prévios dos alunos e ampliar seu repertório ligado ao conhecimento de mundo. Para tanto, podem-se lançar algumas perguntas, como: “Você já parou para pensar no Universo, sua formação e sua origem?”, “O que você conhece sobre galáxias, planetas e satélites?”, “Você costuma observar e contemplar o céu?”, “O que você sabe sobre lançamentos de foguetes e naves espaciais? E sobre a chegada do homem à Lua? E sobre o planeta Terra?”, “Já ouviu falar que vista de fora a Terra é azul?”, “O que você sabe sobre a divisão espacial de nosso planeta?”, “Conhece os diferentes continentes em que está dividido?”, “Os povos que habitam este planeta são semelhantes ou diferentes?”, “Sabe contar alguma história ou tem alguma informação sobre esses povos?”, “Onde vivem?”, “Sabe localizar o país deles em um mapa?”, “Você sabe localizar seu país em um mapa-múndi?”.

O professor deve escolher/criar as perguntas que achar necessárias para esse aquecimento, levando em conta a faixa etária das crianças. Pode deixar que os alunos respondam às questões cole-



tivamente e livremente nesse primeiro momento. Depois, eleja as questões que mais motivaram os alunos ou as que os deixaram sem resposta e curiosos, pedindo a eles que pesquisem ou tragam informações de casa. O professor também pode reunir uma pequena bibliografia e organizar algumas apresentações aos alunos. Essa etapa pode durar até duas semanas e contar com visitas à biblioteca, registros em duplas, pequenas apresentações orais de respostas às questões levantadas. Dependendo da faixa etária, pedir desenhos que expressem os conhecimentos adquiridos em vez de texto.

Após essa etapa, com os alunos motivados e com repertório ampliado, avisar que vão ler um livro que se chama *Minha casa azul*. Pedir que elaborem algumas hipóteses sobre o título. Anotar as possibilidades levantadas para checá-las durante a leitura.

DURANTE A LEITURA

Estabelecer objetivos de leitura é uma estratégia que auxilia a compreensão leitora. Para este livro, podem-se determinar objetivos ligados aos conteúdos, ao trabalho com linguagem e/ou à leitura de imagens. O professor deve adequar os objetivos à faixa etária. Os alunos podem comparar as informações que pesquisaram antes da leitura com o que está sendo relatado pelo narrador.

Chamar a atenção dos alunos para o movimento de *zoom* que o livro apresenta: indo de dentro para fora e de fora para dentro, do Universo ao coração do menino e do coração de volta ao Universo. É possível pedir aos alunos que façam esse exercício: localizem sua rua, seu bairro, sua cidade etc. até chegarem ao Universo.

Os alunos podem localizar seu endereço visualizando-o no site Google Earth, disponível em: www.earth.google.com

O narrador, em seu relato, ao “voltar” do espaço para a Terra, apresenta a divisão em seis continentes, “transbordantes de vida”, aos quais se refere evidenciando características geográficas e humanas de cada um. Esse é um bom momento de checar os conhecimentos prévios e, ao mesmo tempo, ampliar o repertório dos alunos. É importante que saibam localizar os seis continentes em um mapa-múndi e que conheçam tanto características culturais mínimas dos povos que aí vivem como informações físicas sobre os países que formam esses continentes.

Durante a leitura, é importante o professor descrever e explicitar o trabalho com a linguagem, retirando um exemplo do texto, como a descrição que se tem do Sol: “é uma lâmpada gratui-



ta, um regador de luz” (p. 9). Pedir aos alunos que estabeleçam a relação entre o Sol e o modo como o autor o descreve. Explicar, então, que essa é a forma de criar imagens com palavras, o que acontece sempre que queremos dar um toque mais poético ao texto. Propor que encontrem outros exemplos no texto e discutam mais uma vez a relação que se estabelece no uso da linguagem poética. Nesse processo de investigação da linguagem, vale a pena fazer paralelos com as ilustrações para que a leitura visual enriqueça a verbal e vice-versa. Os alunos podem observar as ilustrações e você comentar que são colagens e solicitar que façam as relações com as cores usadas pela artista e o que diz o texto. Ressaltar que ler imagens também é importante para a compreensão do livro.

DEPOIS DA LEITURA

Há duas propostas possíveis, dependendo da faixa etária e do tempo de que o professor dispõe para essa tarefa:

1. Dividir os alunos em pequenos grupos (com, no máximo, quatro estudantes) para que façam uma pesquisa e uma apresentação sobre um país. O professor deve escolher os países por sua importância cultural ou por terem temas atuais, como questões socioambientais ou sociopolíticas. Encaminhar a pesquisa para esses assuntos e pedir aos alunos que elaborem uma apresentação bem criativa e diferente, que exponha mais concretamente os aspectos pesquisados. Podem falar sobre culinária, dança, música ou localização do país e conflitos. Solicitar que procurem e tragam notícias de jornais atualizados desse país. Permitir aos alunos que dividam o trabalho entre a sala de aula e a casa. Ajudá-los na organização e na divisão das tarefas, pedindo que façam um planejamento do trabalho e o apresentem ao professor. Exigir que tenham atuação eficiente no grupo, compartilhando tarefas e demonstrando interesse e comprometimento para alcançar os objetivos estabelecidos.

2. Propor aos alunos que imaginem um planeta de outra galáxia, deem um nome a ele, localizem-no no Universo por meio de um desenho em folha grande. Nesse desenho, devem usar a técnica da colagem. Se possível, pedir ajuda do professor de Artes, realizando um trabalho interdisciplinar. Ao fazer a colagem, aproveitar para trabalhar com sucata ou folhas e flores secas, lembrando as questões ambientais.



Feito o desenho, pedir que, como no relato do menino, elaborem um pequeno texto que descreva esse planeta para leitores que não sabem de sua existência: como é dividido espacialmente, que povos o habitam, como vivem etc. Os alunos devem imaginar que moram nesse planeta e o descrevem para outras pessoas. Lembrar os recursos da linguagem poética que o narrador usa e procurar utilizá-los também. É importante socializar esse trabalho com uma exposição das folhas avulsas de desenhos e textos ou da organização de um álbum que reúna as criações de toda a classe.

SUGESTÕES PARA O PROFESSOR

Além das referências bibliográficas aqui destacadas, há muito o que ler e ver para discutir com os alunos os temas levantados pelo livro ou mesmo para ver com eles, dependendo da faixa etária. Algumas sugestões:

Livros

- BANYAI, Istvan. *Zoom*. São Paulo: Brinque-Book, 1995.
- *Como o Universo funciona: guia prático de Ciências*. São Paulo: Globo, 1994.
- *Enciclopédia ilustrada do Universo*. São Paulo: DK/Duetto, 2008.
- GREENE, Brian. *O Universo elegante*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Sites

Para saber mais sobre serviços de localização espacial, além do Google Earth, acessar:

- bing.com/maps
- maps.yahoo.com
- www.dpi.inpe.br



ELABORAÇÃO DO GUIA SILVIA ALBERT – PROFESSORA DE PORTUGUÊS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS E DA COGEAE/PUC-SP, EM CURSO A DISTÂNCIA PARA PROFESSORES; MESTRE PELO PROGRAMA DE LÍNGUA PORTUGUESA DA PUC-SP NA ÁREA DE LEITURA E ESCRITA; PREPARAÇÃO PENELOPE BRITO; REVISÃO MARCIA MENIN E CARLA MELLO MOREIRA.